

O Comércio de Feixões

Suplemento do Natal



de Ávila Sacramento - Adoração aos Reis Magos - Oficina Portuguesa, Século XVII

Este suplemento do jornal "O Comércio de Lavras", nº 4334, de 19 de Dezembro de 2002 a não pode ser vendido separadamente.

Uma tradição do Natal brasileiro

Isabel Lago

Uma investigação que tenho vindo a fazer ao longo dos últimos dois anos sobre a devoção ao Bom Jesus de Matosinhos no Brasil, possibilitou-me contactar, via Internet, com pessoas que não conheço, mas que mesmo assim acreditaram em mim e me forneceram informações preciosas. Entre essa gente boa fiz alguns amigos e ganhei um “irmão” de fé na devoção ao nosso padroeiro. É ele o José Antônio de Ávila Sacramento, residente no bairro de Matosinhos da cidade de São João Del-Rei. Homem de muitos saberes e ofícios, foi presidente do Instituto Histórico e Geográfico daquela cidade de Minas Gerais e, actualmente é o Director Executivo do Centro Regional de Documentação das Vertentes. Dos vários artigos da sua autoria escolhi um em que narra um episódio de um Natal da sua infância ocorrido na fazenda em que nasceu e relativo a uma Folia de Reis.

A Folia de Reis que reproduz a viagem dos Reis Magos a Belém para adorar ao Deus-Menino (Jesus Cristo), chegou ao Brasil, vinda de Portugal onde tinha como finalidade o divertimento do povo, e ao chegar no Brasil adquiriu um sentido mais religioso do que profano. É organizada por devoção ou pagamento de promessa. Com a promessa, assume-se então um compromisso de participação na folia de reis, por no mínimo sete anos. O número de componentes, ou foliões como são chamados, são de no mínimo doze. Os Foliões normalmente são parentes ou amigos do responsável da Folia e representam os soldados dos Reis Magos. Vestem roupas denominadas fardas, semelhantes a uniformes militares, e organizam-se a partir de critérios hierárquicos bastante rígidos estabelecidos de acordo com a função de cada um. A bandeira, símbolo máximo e distintivo da folia, vai sempre à frente e é confeccionada segundo critérios e condições de cada grupo. Em sua jornada as folias percorrem ruas, estradas, vilas e povoados cantando as profecias. Caminham ao ritmo das marchas da rua, cantam de frente das casas o pedido de abertura de portas, fazem a saudação ao dono da casa, cantam jornadas dos reis magos ou passagens da vida de Jesus, finalizando com o agradecimento e a despedida.

O seu ciclo de apresentação vai de 24 de Dezembro a 6 de Janeiro.

Espero que este texto constitua para todos um momento de ternura, como o foi para mim:

Uma Folia de Reis em São Miguel do Cajuru

José Antônio de Ávila Sacramento

O sol ia caindo e a noite já vinha subindo, lentamente... Era início de janeiro. O ano era 1970. Fazia calor, aquele calor modorrento que os verões sempre trazem.

Eu estava na fazenda com meus pais, em férias do Grupo da Celeste Banho¹; as irmãs estavam em São João d'El-Rey, na casa da Siá Donana e do ti Mário². A fazenda, aos poucos, estava sendo tomada pelo aconchego triste da noite, ninada pelas vozes dos grilos e sapos. Alguns vaga-lumes disputavam suas luzes com chamas bruxuleantes, vindas das fracas e fumacentas lamparinas de querosene.

Relembro assim o tempo de criança e a vida naquela velha Fazenda da Congonha³ onde nasci, lá pelas bandas de São Miguel do Cajuru⁴. Lá o meu mundo era grande demais para que eu me preocupasse com o Rio de Janeiro e São Paulo e, quem diria então, Londres ou Paris! A Terra, para mim, dava a impressão de ser pequena demais: resumia-se num velho mapa-múndi que vivia dependurado na parede da sala; o Mundo era simples e fácil de ser percorrido quando eu quisesse, pela ponta dos meus dedos! Lembro-me daquela civilização da roça cajuruense, seu anoitecer coaxante de sapos, o barulho da água na bica, o piscar dos vaga-lumes, o cheiro da Dama-da-Noite... Com as lamparinas eu brincava sempre, projetando a sombra da mão pelas paredes, criando alguns bichos ou monstros terríveis; ignorava ainda a necessidade da invenção de Edison. Um radinho de pilhas já

havia lembrado a hora do Angelus e terminava de tocar Moreninha linda, do meu bem querer... Em seguida, solenemente, começaria a transmitir a “Hora do Brasil”: Em Brasília, dezenove horas...

De repente a rotina foi quebrada. Ouvimos barulhos, vozes e sons de instrumentos ao longe. Nero, o cachorro, muito agitado, latia sem parar. De longe, mas já não era de tão longe assim, pois o lugar era onde minhas vistas alcançavam, surgia de dentro da boca da noite os vultos de mais ou menos uma dezena de andarilhos.

Traziam uma bandeira vermelha, enfeitada com o quadro da Natividade; portavam alguns instrumentos: caixa, triângulo, pandeiro, viola e sanfona⁵. Executavam uma melodia agradável, ritmo meio festivo e de marcha compassada. Aquilo era uma novidade tamanha para meus sentidos de simples menino da roça. Vieram em fila indiana, lá das trilhas do lado do Ribeirão do Chaves ou do Rio do



(Continua na página 5)

Uma Folia de Reis em São Miguel do Cajuru

(Continuação da página 5)

Peixe; atravessaram o Córrego do Aterrado e vieram subindo; transpuseram uma tronqueira de arame e pularam o rego que levava água para a bica... Chegaram mais perto... Vestiam roupas brancas; alguns deles usavam botinas; poucos calçavam alpercatas de couro e os outros estavam descalços. Na cabeça, chapéus de palha enfeitados com muitos espelhos; traziam faixas coloridas, amarradas na cintura.

Dos chapéus e dos instrumentos pendiam fitas esvoaçantes e multicoloridas; alguns traziam terços dependurados nos pescoços; outros exibiam guias, cruzadas pelos peitos; havia cordões enfeitando os instrumentos musicais. Os enfeites, em sua maioria, eram confeccionados daqueles caroços popularmente conhecidos por Contas de Lágrimas⁶, sementes dessas gramíneas que ainda teimam brotar em nossos brejos.

Cantavam assim:

— Deus te salve ô Casa Santa, ai, ai... / Onde Deus fez a morada, ai, ai, oi... ai...

— Que é que é isso? Meu Deus, valha-me Nossa Senhora Aparecida e São Miguel!, assustou-se a minha mãe. O meu pai, meio que esbravejando, tentava acalmar:

— Folia de Reis, gente... será possível que vocês nunca viram isto?

— Conheço sim, mas assustei. Há muito tempo que eles não passavam aqui!, ponderou minha mãe.

Nesse meio tempo eu já estava escondido debaixo da cama, com o coração disparado, o travesseiro escondendo o rosto e abafando os ouvidos, morrendo de medo daqueles homens esquisitos.

— Vem cá 'só Izé', vem cá menino! Vem cá pra você ver os homens!

Obedeci ao meu pai, mas tremia de medo. Fiquei de meia-jota⁷ na porta, pronto para qualquer eventualidade.

— O que é isso? Ah, eu não vou chegar perto não... Tem até uma mulher esquisita e um homem mascarado⁸ pulando ali no meio. Ai, ai, ai..., murmurei baixinho, quase soluçando e muito amedrontado, já arrependido de ter matado aquele passarinho lá na parreira; presumia que o que estava acontecendo era um cruel castigo pelo meu *passaricídio*: *Foi sem querer...desculpa! Vou aposentar meu bodoque, meu Deus; prometo que vou queimá-lo amanhã bem cedinho! E também não vou armar mais arapuca, nem pegar pomba-rôla... perdão meu Deus!*... confessava-me silenciosamente.

— Ô de casa! Nossas boas noites. É a visita dos Santos Reis, vocês aceitam receber de bom grado a bandeira e a nossa Folia? Gritou um deles.

— Ai pai, não pai, não deixa não. Ai, meu Deus! Clamei, meio que inconscientemente.

— Deixa de bobagem, menino... Éta 'só Izé' medroso! Vocês podem chegar pra cá! decidiu o meu pai, descendo da soleira para o terreiro, indo receber os visitantes.

Desceram pelo terreiro, cantando. Pararam na soleira da porta da sala. Entregaram a bandeira ao meu pai. Ele a reverenciou e a entregou para a minha mãe. Formaram um semicírculo; continuaram tocar e cantar, obedecendo aos comandos de um apito daquele que parecia ser o chefe do grupo. Ele cantava mais forte e os outros davam o

responsório, sempre terminando em lamentosos ais. Adentraram pela sala e cantaram diante do presépio, armado num canto, com as figuras dispostas no interior de uma singela réplica da Gruta da Natividade, idealizada a partir da casca de uma cuia, quebrada ao meio e enfeitada com respingos de vela derretida, à guisa de neve. A bandeira foi levada por minha mãe e apresentada aos cômodos da casa.

Depois de cantarem bastante foram para a cozinha. Lá, prosequindo alto, justificaram a missão deles:

— Saímos com a Folia para agradecer as graças que nós recebemos; pagamos por elas com a Festa de Reis e do Divino. Vamos de casa em casa. Pedimos ajuda e, Dia de Reis, benz'ô Deus, vamos entregar a nossa bandeira. Ano entra, ano sai, e é sempre assim. É a prática da nossa sabença!⁹ explicou um negro simpático que já estava sem o chapéu e pelejando para acender o pito de palha num tição, assustando uma gatinha sonolenta que aproveitava o calor e dormitava lá no "rabo" do fogão.

Prosearam muito... Falaram sobre assuntos diversos: empreitadas, festanças, roças de milho e o João-do-Mato... indagaram se o ano ia ser bom de chuva, se o gado estava sadio e se as vacas produziam bastante leite; discutiram as qualidades dos pastos de capim-gordura e de jaraguá; avaliaram o preço da arroba do gado de corte, o preço dos queijos e as chances da seleção canarina na Copa do Mundo de 1970. Disseram que um tale de Sardanha (João Saldanha) estava montando um timaço!...

Percebendo que ainda persistia o meu temor, principalmente do que estava mascarado, o tocador de sanfona que já estava de cócoras num cantinho, sacou duas balas já meio meladas e quentes pelo calor do seu bolso. Ofertou-me os caramelos e amenizou:

— Carece de ficar com medo não menino! Aquele que dança balançando a bandeira junto com mulher, é o Bastião e a Catirina. E sem eles a nossa Folia num tem graça não.. Eles não faz nenhum mal a ninguém não, mode você pode ficar assossegado!

Fui ambientando e aceitando, aos poucos. Enfiei as balas na boca. O susto já estava passando e eu já estava até me alegrando um pouco com toda aquela movimentação. Estava até ficando satisfeito; confesso que a causa da minha alegria era mais pela absoluta desnecessidade de aposentar o meu bodoque e desarmar a arapuca, como havia prometido, do que pela aceitação daqueles foliões. Aquilo tudo já não parecia ser o prenúncio de um castigo, como eu imaginara.

E os homens cantaram mais... Lançavam os seus lamentos no ar, embebidos numa devoção que era principalmente deles e fazendo daquela manifestação o prazer de uma festa que, por sua vez, se tornava de todos nós. Parece até que sentiam ali, naquele momento, a presença de um Ser invisível, transcendente, e que todo aquele clamor também chegaria aos céus e retornaria para a terra, em forma de graça, sobre todos nós.

Quando já estava me acostumando e até achando aquilo tudo bem bonito, minha mãe ameaçou o preparo do jantar. Foi interrompida:

— Agradecido Dona Aparecida! Nós hoje só vai jantar mais pra frente daqui... não precisa da senhora se preocupar não. É a mesma coisa que nós tivesse jantado aqui. Deus que te ajude!

(Continua na página 7)

Uma Folia de Reis em São Miguel do Cajuru

(Continuação da página 5)

Aceitaram café com leite, queijo e algumas quitandas¹¹. Também comeram arroz-doce. Agradeceram pelo alimento cantando, e cantando dispensaram o pouso oferecido. Ganharam alguma esmola, um frango, queijo e alguns pedaços de fumo de rolo; fizeram uma *peia*¹² para o frango usando um pedaço de embira¹³ que estava pendurada num prego. Enrolaram alguns cigarros. Puseram coisas num embornal e partiram alegando que naquela noite ainda iriam a mais duas ou três fazendas. Agradeceram as ofertas e cantaram, pedindo a devolução da bandeira.

Disseram que pernoitariam lá pelos lados da Vendinha¹⁴, na beirada do Corredor-Real¹⁵, na fazenda d'um tal de *Sô Quincas d'Ávila*¹⁶. No dia seguinte pretendiam ir seguindo rumo ao Cajuru, visitando as moradas que margeavam o Corredor. No arraial, além das visitas a algumas residências, prestariam suas homenagens ao Menino Jesus diante de um presépio que ficava armado no interior da Igreja de São Miguel.

— *Folieiro nesses dias dorme muito pouco... andamos até altas horas, horas mortas!* falou um deles.

As vozes e o som dos instrumentos foram sumindo aos poucos, como que absorvidos pelo breu da noite, misturados a uma fina garoa. Naquela noite demorei muito a pegar no sono. De madrugada ainda sonhei com aquela cantoria:

— *Pai, Filho e Espírito Santo ai, ai... / E nas hora de Deus amém ai, ai... / Bênção a nobre morada ai, oi, oi... / E vocês vai ficano tudo com Deus / Qui com Deus nós tamém vai, ai, ai... / Os Rei já cantaro o nascimento ai, ai... / De Jesus Cristo em Belém ai, oi, oi...* Foi assim que eles se despediram de nós.

Naquela época foram aqueles artistas. Hoje são outros deles que permitem que os ritos coletivos possam ser reprojatados nas casas e nos espaços públicos, criando um maravilhoso processo de ressignificação do motivo original; os folieiros (ou foliões) ao que me parecem, são belas expressões anônimas da metamorfose de um catolicismo arcaico e puro; seus fundamentos religiosos ainda são ignorados pela maioria dos espectadores, os quais observam apenas o espetáculo, sem dele participarem. Mas, se notarmos bem, há um forte circuito de sociabilidade e reciprocidade em que a religião vivamente transborda para a vida social. Com os seus enredos particulares e gestos políticos da dimensão do sagrado, permitem-nos uma bela e profunda releitura de seus autos populares.

Atualmente, longe daquele panorama da roça, percebo uma verdadeira invasão de melodias de gosto duvidoso: pornô-sambas, falsos caipiras, pagodeiros pré-fabricados e soluções apelativas que invadiram as imagens midiáticas; essa situação não me impede, contudo, de pensar naqueles cantores que eram realmente populares, verdadeiros artistas que não gravaram discos e nem conheceram os holofotes da fama. Hoje, com muitas dificuldades, outros foliões, a exemplo daqueles, não permitem que a tradição religiosa e folclórica pereça. Apresentam-se humildes como as silcosas flores do campo, continuam pensando e vivendo no seu mundo; na época certa ainda saem de suas casas e povoam o nosso mundo, enchendo de luz e cantoria a vida daqueles que os escutam.

Os foliões atuais se (com)portam como os de antanho: são artistas populares, autênticos e valentes. Eles ainda se apresentam através de formidáveis trilhas sonoras que orientam seus autos devotivos, coreografias que muito relembram a minha infância aprimorada naqueles sertões cajuruenses, local do primeiro contato com um Congado. Assim, ainda me fazem chorar!

Só que hoje eu não choro mais de medo... Só de saudades!

Notas:

¹ Grupo Escolar Inácio Passos, situado no Bairro do Bonfim. Foi a minha primeira escola formal, na qual fui muito bem recebido ao vir da roça para a cidade.

² Ana Etelvina de Ávila (1906-1989) e Mário Moreira de Carvalho (1927-1987), avó e tio maternos do autor.

³ A sede da Fazenda ficava a uma légua da sede do distrito de São Miguel do Cajuru. Foi construída na primeira metade do séc. XX. Foi demolida em 1994, infelizmente.

⁴ Distrito são-joanense que em 1943 teve seu nome alterado para Arcângelo, numa criminosa agressão a sua toponímia original, mais que bi-secular (de antes de 1745). Após muita luta, felizmente, o nome original – São Miguel do Cajuru – foi resgatado pela Lei Municipal nº 3.536, de 27 de junho de 2000.

⁵ A viola é por excelência o instrumento típico do meio rural brasileiro. Atualmente temos vários e bons violeiros em plena atividade; dentre eles destaco o nosso conterrâneo Chico Lobo, que além de exímio tocador é compositor e pesquisador de música caipira e folclórica.

⁶ Contas-de-lágrimas: planta da família das gramíneas; nome científico: *Coix lacrima*. Uma lenda de nossa região conta que quando Nossa Senhora andava pelo mundo chorando a falta do seu Filho, morto na cruz, cada lágrima que ela vertia fazia nascer um pé do referido capim; daí, Contas de Lágrimas!

⁷ Expressão usada em regiões rurais de Minas Gerais. Quer dizer quando a pessoa, ressabiada, não se apresenta inteira à porta ou janela; fica com o corpo escondido e mostra apenas a metade do rosto para ver o que está acontecendo, ficando a outra metade encoberta pelo portal.

⁸ Bastião (palhaço da Folia): personagem mascarado, comum às Folias, que se apresenta(va) dançando e/ou recitando versos acompanhado pela Catirina - homem travestido - também mascarado, que fazia o papel de “mulher” do Palhaço. Segundo a minha mãe, Aparecida de Carvalho Ávila, lá pelos idos de 1930 era comum visitas anuais da Folia de Reis à Fazenda da Boa Mente, em S. Miguel do Cajuru, sempre acompanhadas do Bastião. Atualmente o folclorista Ulisses Passarelli encarna formidavelmente a figura do Bastião nas Folias de Reis em São João d'El-Rey, não permitindo que aquela tradição fique adormecida ou pereça de vez.

⁹ É o jeito caipira de se expressar; significa o mesmo que dizer: “é a prática de nossa sapiência!”

¹⁰ As Balas são rebuçados em Portugal.

¹¹ Quitanda: biscoitos e broas caseiros, assados nos tradicionais fornos a lenha; eram guardados em latas com tampa bem fechada para manterem-se bem conservadas e secas; eram servidas diariamente aos da casa e/ou visitas, na hora do café

(Continua na página 17)

Histórias de Família

Nesta época do ano é costume a família reunir-se a fim de, em conjunto, festejar o nascimento do Senhor Jesus.

É costume, também, lembrar os membros já falecidos, mesmo que já tenham decorrido muitos anos, após o seu passamento.

Gostaria de lembrar um dos que me são mais queridos: a mãe de minha mãe.

A minha avó, Rosa de seu nome, nasceu em Espinho, há 133 anos, no seio de uma família de pescadores originária da Murtosa.

Não sabia ler, o que aliás não lhe fazia grande falta no mundo restrito em que vivia e na profissão que exerceu desde menina até idade avançada: a de vendedeira de peixe.

Mas tinha uma inteligência brilhante, grandes qualidades de trabalho e uma força de vontade indômita que nunca a deixou soçobrar diante dos golpes adversos (e muitos foram) com que a vida a mimoseou...

Casou cedo e foi para a Afurada, pequena povoação de pescadores localizada na margem esquerda do Rio Douro, onde viveu até ao fim dos seus dias. Ali lhe nasceram os filhos, não sei quantos, dos quais só três atingiram a idade adulta e procriaram. Os demais faleceram com pouco tempo de vida pois não resistiram às doenças, numa época em que as dificuldades económicas não permitiam o acesso à assistência médica infantil que aliás era então muito rudimentar.

Casou cedo e cedo enviuvou. Com filhos pequenos a sustentar redobrou de esforços, trabalhando até quase à exaustão e aforrando todos os tostões (aliás "reis") que podia juntar. Na sua casa não havia despesas supérfluas e a sua vida foi mais que espartana.

O seu trabalho era feito a pé. Durante anos e anos vendeu o seu peixe, fazendo diariamente o percurso Afurada - Porto e regresso, com a canastra à cabeça e sob quaisquer condições de tempo.

Nunca efectuou a travessia do rio em caíque, preferindo assim andar mais uns quilómetros a pagar o custo do transporte.

Ora acontece que entre os seus clientes contava-se um Juiz reformado que muito se admirava com a beleza e brancura dos seus dentes. E um dia, não resistindo à curiosidade, perguntou-lhe: Ó peixeira, como trata os seus dentes para os ter nesse estado? E ela respondeu que os lavava com códeas de broa. De imediato o juiz quis ver como era e mandou a criada da casa buscar algumas. Apesar de duras, a minha avó comeu-as todas num ápice e depois, perante a surpresa do juiz, riu-se e disse: "Ó senhor juiz, eu nunca lavei os dentes na minha vida". O juiz achou imensa graça e respondeu: "foi pena que não conhecesse essa receita quando novo, pois poderia suceder que ainda tivesse os dentes perdidos, que agora bem falta me fazem".

Os anos foram passando, os tostões sendo amealhados, e a minha avó foi ganhando fama de mulher de posses. E então começou a ser assediada pelos vizinhos, na Afurada, com pedidos de empréstimos para fins vários. Ora como já disse, o dinheiro para ela valia muito e não queria correr riscos de o perder. Por isso, aconselhou-se com um advogado, e sempre que concedia um empréstimo, ela exigia contrato notarial.

E uma das vezes, ao fazer um contrato, o notário perguntou ao devedor "quem é o prestamista? E ele respondeu "é aqui esta mulherzinha". Foi o cabo dos trabalhos; a minha avó abespinnou-se, e ofendida, respondeu:

"Mulherzinha! Mulherzinha é a sua mulher, que é pequenina. Eu sou grande e senhora e é assim que quero que me trate!" E quando, muitos anos depois, ela me contou esta história, ainda os seus olhos brilhavam de indignação.

A minha avó era profundamente católica, e todos os dias rezava as suas orações. Sucede que o Padre Nosso tem uma parte que diz: "perdoai-nos Senhor as nossas ofensas assim como perdoamos a quem nos tem ofendido". Ora na versão anterior, ainda em vigor na minha meninice, dizia "perdoai-nos Senhor as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores". Ora com isto é que a minha avó se indignava. Apesar da sua fé não aceitar de modo nenhum este preceito. Não, dizia ela, então Fulano deve-me tanto dinheiro, Sicrano ainda mais e vou perdoar o dinheiro que tanto me custou a ganhar! Não, prefiro ir para o Inferno, mas perdoar as dívidas, isso é que não perdoou.

E pronto! É este o retrato, esbatido pelo tempo e naturalmente muitíssimo incompleto que eu faço da minha avó Rosa.

A última imagem que tenho dela é deitada no seu leito de morte, com o seu cabelo todo preto repartido ao meio, o rosto enrugado mas sereno, como que dormindo. Viveu uma vida plena, em que as privações eram uma constante, mas nunca se revoltou, nunca voltou a cara à adversidade. Foi uma MULHER.

Hermano Serrano

Uma Folia de Reis em São Miguel do Cajuru

(Continuação da página 7)

(biscoito de fubá, de polvilho, broa, rosquinhas...). E mister lembrar que nas residências tradicionais da área rural mineira até hoje ainda é considerado uma desfeita ao dono da casa a visita sair sem tomar o café ofertado. É preciso beber nem que seja um gole de café-com-mão-na-escadeira (café puro, isto é, sem o acompanhamento de quitandas).

¹² Dispositivo geralmente feito da embira; era atado aos pés das aves e limitava seus movimentos; assim se evitava que elas fugissem.

¹³ Do tupi e'bira. Fibra retirada da casca de um arbusto. Usada na amarração de pequenas coisas. Era muito útil na roça; substituía o barbante, com méritos.

¹⁴ Vendinha é o local do município onde, segundo a tradição oral, no auge da movimentação de tropeiros pelo Corredor-Real, existia um pouso de tropeiros e rancho para a tropa. Comercia-se ali alguns viveres, alimentos e arreios para os animais e, certamente, pouso e boa pinga, daí o nome "Vendinha". Naquele local, atualmente, não existem mais vestígios da antiga movimentação.

¹⁵ Corredor-Real: denominação popular da Estrada Real, Caminho Real e suas variantes. (Por este Caminho era transportado o ouro de Minas para o Rio de Janeiro). Atualmente está sendo discutida e planejada a reativação do Caminho, visando fins turísticos. Está também sendo analisado pela UNESCO o tombamento do percurso da Estrada Real com o título de Património Cultural da Humanidade.

¹⁶ Referência ao coronel Joaquim José de Ávila, de São Miguel do Cajuru. Era chefe político tradicional da região. Faleceu em 1971. Era tio do meu pai. Teve grande influência na política partidária rural da região.